A Monitorização de Assassinato Trans de 2026 mostra que a cada 32 horas, uma pessoa trans foi morta.

article, content in portuguese, protection from violence and hate, hate crime, trans murder monitoring, women's rights

A Monitorização de Assassinato Trans [Trans Murder Monitoring] (TMM) da TGEU registou 273 pessoas trans e de género diverso assassinadas mundialmente ao longo do ano passado, em média, um homicídio registado a cada 32 horas. Assassinatos foram registados em 35 países, o segundo número mais elevado desde que a monitorização começou, e pela primeira vez na Roménia e no Camarões. No total, a TMM registou até à data mais de 5,500 assassinatos globalmente desde que a recolha de dados começou em 2009.

A TGEU – Trans Europe and Central Asia publica a actualização anual do seu projecto global Monitorização de Assassinato Trans no âmbito da Semana de Consciencialização Trans, que termina com o Dia da Memória Trans (TDoR) a 20 de Novembro.

O projecto da TMM conta apenas com números registados, e o trabalho de monitorização está a tornar-se mais difícil. O número total de assassinatos registados é inferior a 300 apenas pela segunda vez numa década, mas a violência não terminou. O espaço cívico em declínio, a hostilidade contra pessoas trans incentivada pela media e pelo estado, e cortes a financiamento tornam menos provável que um assassinato seja relatado e registado.

Principais Conclusões

- **273 pessoas trans e de género diverso foram registadas como assassinadas** entre 1 de Outubro de 2025 e 30 de Setembro de 2026 – um assassinato a cada 32 horas.
- **35 países diferentes** registaram um assassinato – **o segundo maior número de sempre**. Apenas em 2024 os números de países com dados foram mais altos (38).
- **Uma em três vítimas eram trabalhadoris do sexo (32%), que continuam a ser o grupo mais atingido** de todas as ocupações.
- Ecoando os padrões de anos anteriores, **quase todos os assassinatos registados (95%) foram feminicídios** (vítimas foram mulheres trans ou pessoas transfemininas), e **três quartos (75%) das vítimas eram pessoas Negras ou Marrom trans**.
- O perfil etário das vítimas de assassinato parece estar a mudar para uma **idade ligeiramente mais avançada**. Mais de um terço (35%) tinham idades compreendidas entre os **31-40** anos em 2026, enquanto uma em cinco (21%) das vítimas tinham idades entre os **19-25** – o que era, consistentemente o maior grupo etário na primeira década da TMM. Uma em vinte (5%) das vítimas do ano anterior foram **menores de 18 anos de idade**.
- **Sete em cada dez (69%) dos assassinatos ocorreram na América Latina e nas Caraíbas**. O Brasil lidera na lista mais uma vez, representando um em três (32%) do total mundial. Números continuam a cair no **México**, com o número mais baixo de assassinatos registados (29) desde 2011.
- No entanto, 2026 viu o mais alto total de sempre na **Argentina** (16) e o segundo maior no **Equador** (16) desde que o TMM começou.
- O número de assassinatos registados na **Ásia** (32) caiu desde o mais alto de sempre do ano passado (51).

O total deste ano é **muito provavelmente uma subcontagem** – alguns parceiros na Ásia relataram não terem capacidade para fornecer dados este ano, citando falta de recursos e até mesmo de eletricidade.

- 13 assassinatos foram registados na Europa, **o total mais elevado desde 2023** – tantos como 2024 e 2025 combinados. A **maioria das vítimas eram migrantes internacionais**.
- Um em dez assassinatos foram registados nos **Estados Unidos** (29), um valor semelhante a 2025 (31).
- Dois em cinco (40%) dos assassinatos registados foram **a tiro**, enquanto que um quarto (24%) foram **por esfaqueamento**. Três em dez (30%) dos assassinatos ocorreram na **rua**, e um quarto (25%) ocorreram **na casa** da própria vítima.
- Dos autores dos crimes de que se tem conhecimento, um em cada quatro (25%) era um ex ou actual parceiro, namorado ou marido. Outros autores comuns dos crimes registados eram grupos/gangues organizados de ódio (15%), estranhos (14%), polícia/militares/exército (12%) e clientes de trabalhadoras do sexo (8%).
- **Apenas um agressor foi preso** em cinco assassinatos (21%) onde autoridades locais documentaram uma resposta.

Violência Interseccional

Ano após ano, o mesmo perfil demográfico de pessoas trans são assassinadas. Quase todas as vítimas registadas (95%) foram mulheres trans e pessoas transfemininas. Trabalhadoras do sexo, que fazem uma em cada três vítimas, permanecem o grupo mais atingido de todas as ocupações, e três em quatro vítimas eram pessoas Negras ou Marrom de experiência trans.

Isto é como a opressão de intersecção se parece na prática. Misoginia, transfobia, racismo, xenófobia e putofobia se reforçam mutuamente, e aquelis que se encontram nesta encruzilhada, são es que mais estão em risco.

“C*omo mulher Negra trans e como refugiada, eu vivo no medo constante de perder a minha vida. Enquanto outres seguem o seu dia-a-dia com um sentido de segurança, mulheres Negras trans necessitam manter-se vigilantes, sempre a proteger a si mesmas. A nossa segurança nunca é garantida.*

Estes assassinatos não são só números num relatório; são nosses amigues, colegas, irmãos, pais, e membros das nossas comunidades. À medida que estes assassinatos sobem de número ano após ano, exigimos mais do que solidariedade: exigimos justiça, investigações adequadas, e responsabilização por cada vida ceifada. Mulheres Negras trans merecem o direito de viver de forma segura, livre e com dignidade.”

– Purity Tumukwasibwe, membro da direção da TGEU

Maior número de assassinatos: América Latina e Caraíbas

Subjacente ao total global, a violência não está igualmente repartida. Sete em cada dez dos assassinatos registados neste ano tiveram lugar na América Latina e no Caribe, e mais uma vez o Brasil representa um em cada três assassinatos a nível mundial.

A concentração reflecte a escala da violência, e também reflecte a sua documentação. A América Latina possui um movimento há muito estabelecido de organizações trans e feministas que monitorizam e relatam feminicídios. Como resultado, mais assassinatos chegam aos registos do que em regiões onde essa infraestrutura é fraca. Estes números são também contagens em bruto, não ajustados à dimensão populacional, por isso eles mostram onde os assassinatos são registados, não onde uma pessoa trans está em maior risco.

Dentro da região, a imagem tende em direcções diferentes. Alguns países parecem estar numa trajectória

descendente (e.g. México), enquanto outros atingiram ao mais alto total anual desde que a nossa monitorização começou (e.g. Argentina). Um balanço nacional mais baixo não deve ser lido como um país mais seguro sem observar cuidadosamente cada contexto, como uma das nossas parceiras de monitorização aponta:

'*Não devemos mostrar qualquer sinal de celebração (em relação à descida de assassinatos registados); em vez disso, devemos escrutinizar as tendências actuais, incluindo as que existem em cada país individual.*'

– Rocío Suárez, Centro de Apoyo a las Identidades Trans A.C., México

A nossa região: Europa e Ásia Central

Na Europa, 13 homicídios foram registados este ano. Esse número é equivalente ao de 2024 e 2025 combinados. A maior parte das vítimas eram migrantes internacionais; quase todas eram mulheres trans ou pessoas trans femininas, e um terço eram trabalhadoras do sexo. Este padrão é claro: aqueles que estão na interseccção de múltiplas formas de marginalização estão em maior risco.

Muitas pessoas vêm para a Europa na busca duma vida na qual elas podem ser elas mesmas e estar seguras. Para as pessoas migrantes entre estas vítimas, essa busca terminou em homicídio. O padrão aponta para o efeito combinado da xenofobia, racismo e transfobia, o que deixa migrantes trans sem protecção e entre es mais expostos a danos. Isto se sucede no meio de retaliação por parte de grupos de extrema-direita e anti-género sobre a Europa, traduzindo-se em crescente retórica hostil, legislação restritiva, e ataques políticos contra os direitos de migrantes e pessoas trans.

Na Ásia Central, nenhum assassinato nos foi reportado este ano. Isto não deve ser lido como uma ausência de violência. Muito provavelmente reflecte uma falta de segurança para pessoas trans na região, forçada a manter-se invisível o mais possível, enquanto os seus parentes podem não revelar a sua identidade trans depois da morte. Com activistas enfrentando desafios tremendos e recursos limitados para monitorização, assassinatos normalmente não são contabilizados. Uma das vítimas mortas na Europa este ano era uma migrante da Ásia Central, o que ecoa uma estória mais abrangente de pessoas trans deixando a região para construir uma vida onde possam viver mais abertamente.

"Leis que atingem os direitos de migrantes e reivindicantes de asilo- especialmente pessoas racializadas do Sul Global- e que criminalizam o trabalho do sexo, são ferramentas do Estado que permitem o assassinato de mulheres trans migrantes e trabalhadoras trans do sexo. Devemos continuar a opôr-nos contra estas leis e continuar a construir comunidades carinhosas, fortes e resistentes. O Fascismo e as suas fortalezas caírão somente através dos nossas esforços colecivos e através de alianças com aquelis que estão nas margens e com povos colonizados."

– Tayri Fadil, Membro da Direcção da TGEU

Quem está por detrás dos assassinatos trans?

Nos casos em que o autor do crime era conhecido, um em cada cinco assassinatos (19%) foram cometidos por um parceiro, namorado ou marido. Quase um quarto dos assassinatos este ano (25%) ocorreram na casa da própria vítima. É um padrão que ecoa o de anos passados: numa sociedade hostil a pessoas trans, mesmo a casa da própria pessoa não é um sítio seguro.

Grupos de ódio organizados e gangues (15%) e estranhos (14%) foram também comumente relatados. Juntos, estes padrões apontam para violência que atinge pessoas trans em todo o lado: nas suas relações, nas suas

comunidades e na rua.

Em 12% dos casos onde o autor do crime era conhecido, a pessoa responsável era membro da polícia, militar ou do exército: 13 assassinatos, aumentando de cinco no ano passado. Nove pessoas trans foram mortas ou morreram em circunstâncias suspeitas em prisões ou esquadras de polícia, em comparação com quatro ano passado. Estas são instituições do estado, e mortes que se sucedem nelas são violência cometida ou permitida pelo estado.

Estes números levantam questões difíceis sobre quem é protegido, e quem não é. Pessoas trans são expostas a hostilidade, perfilamento e abuso por intervenientes estatais, e aqueles com o dever de manter a lei são responsáveis por ceifar vidas. Quando a transfobia e a transmisoginia moldam como estas instituições operam, pessoas trans ficam mais expostas.

Quando autoridades locais reagiram, um agressor foi preso apenas em um de cinco casos (21%). Processos judiciais levam tempo, e em alguns casos, avançam lentamente pelo sistema. No entanto, muitos assassinatos de pessoas trans não são investigados de todo; outros são investigados sem urgência, ou não são registados pelo que são. Preconceito em como homicídios são investigados e pautados, incluíndo o dispensar de motivos anti-trans, significa que os responsáveis terão menos probabilidade de serem chamados a prestar contas. Para famílias e comunidades, a ausência de justiça pode ser outra perda.

“Todos os anos, testemunhamos o resultado previsível do ódio sistémico e da repressão de vidas trans. Ao mesmo tempo que lembramos as nossas vítimas, quero também nomear quem nos mata: membros da família, parceires, clientes, polícia, e as instituições que lhes permitem. Está na altura de que respondam por isso.”

– Isa Nico Borrelli, Membro da Direcção da TGEU

Tendências demográficas

O padrão de quem mais está em risco não mudou. Uma em três vítimas eram trabalhadoras do sexo, o grupo mais atingido de todas as ocupações. Quase todas (95%) foram mulheres trans ou pessoas transfemininas, e 76% eram pessoas Negras ou Marrom de experiência trans.

As vítimas registadas se afiguram ser ligeiramente mais velhas, sendo uma em três entre os 31 e 40 anos de idade, enquanto que uma em vinte eram menores. Para além disso, os números registados na Ásia caíram desde o maior recorde de sempre no ano passado de 52 para 32. Isto é muito provavelmente uma subcontagem: alguns parceiros de monitorização na região não tinham capacidade de fornecer dados este ano, citando a falta de eletricidade e financiamento.

Recomendações

A TGEU convoca governos e instituições a:

- Revogar leis e políticas que criminalizem ou restrinjam identidades trans, reconhecimento legal de género, cuidados médicos específicos para pessoas trans, e a expressão pública de identidades trans e de género diverso.
- Terminar a criminalização do trabalho do sexo em pleno e garantir direitos laborais e protecções para trabalhadoris do sexo de experiência trans e de género diverso.
- Harmonizar e adoptar leis anti-crime e anti-discriminação que explicitamente protejam pessoas trans na empregabilidade, educação, e outras áreas, e trabalhar rumo a um entendimento comum sobre o que

conta como discurso de ódio ilegal.
- Assegurar que decisões de encarceramento sejam baseadas na auto-determinação, independentemente do estatuto de reconhecimento do género legal, e incluir os desejos e bem-estar das pessoas trans em questão.
- Apoiar defensoras de direitos humanos trans e organizações de serviço social aliviando pressões financeiras, salvaguardando a sua segurança, e permitindo-lhes continuar a organizar-se para defender os seus direitos sem medo.
- Treinar profissionais para que respondam apropriadamente a violência anti-trans, incluindo as forças policiais, com atenção particular àquelas que enfrentam formas de intersecções de discriminação, incluíndo mulheres Negras trans e trabalhadoris do sexo.
- Para países da UE, assegurar transposição em tempo útil e totalmente trans inclusiva e implementação de Directivas da UE no combate à violência contra mulheres e violência doméstica.

Parceires de pesquisa da TGEU

- Asociación de Derechos Humanos Cozumel Trans (Honduras)
- Asociación Silueta X (Equador)
- Association Unity (Togo)
- Caribe afirmativo (Colômbia)
- Centro de Apoyo a las Identidades Trans (México)
- HOPE – Have Only Positive Expectations (Paquistão)
- Horizon Burkina (Burkina Faso)
- Jaringan Transgender Indonesia (Indonésia)
- Jinsiangu (Quénia)
- LakanBini Trans Network (As Filipinas)
- Mawjoudin (Tunísia)
- Observatorio de Feminicidios Ensenada (México)
- Observatorio de violaciones a derechos humanos de personas LGTBIQ+ en Nicaragua (Nicarágua)
- OTRANS Guatemala (Guatemala)
- Q?y Vaar (Azerbaijão)
- Qorras (Líbano)
- Queer Art and Action (Índia)
- Rede Trans Brasil (Brasil)
- Samabhabona (Índia)
- STRAP – The Society of Trans Women of the Philippines (As Filipinas)
- Trans Lives Matter (Reino Unido)
- Tranz Network Uganda (Uganda)

Nota sobre o termo feminicídio

O TMM usa feminicídio ao invés de femicídio já que reflecte melhor as causas políticas e estruturais da violência contra mulheres e meninas. Cunhado por Marcela Lagarde na América Latina, o termo evidencia a responsabilidade do estado e as falhas sistémicas de prevenção, protecção, e responsabilização que possibilitam tais assassinatos.

Mais informação

- Veja o mapa global de todos os casos registados (Jan 2008- Set 2026; EN, ES, RU, PT)

- Explore a biblioteca de casos de todos os tempos (Jan 2008 – Set 2026; EN, ES, RU, PT)
- Aceda a visualizações de dados demográficos de todos os tempos (Jan 2008 – Set 2026; EN, ES, RU, PT)
- Leia as tabelas demográficas resumidas deste ano (Out 2025 – Set 2026; EN, ES)
- Leia e imprima a lista de nomes deste ano para as vigílias do DdMT (Out 2025 – Set 2026; EN, ES; csv, xlsx)

O seu apoio torna a mudança possível

Trabalhamos ao longo da Europa e da Ásia Central para progredir direitos trans, construir comunidades fortes, e conduzir mudanças através de pesquisa, advocacia, e construção de comunidade.

O seu donativo ajuda-nos a continuar este trabalho vital – defender vidas trans, amplificar vozes trans, e advogar pela justiça todos os dias.

faça agora um donativo

O projeto TMM 2026 contou com o apoio da Fundação Heinrich Böll (Heinrich-Böll-Stiftung).